

MUSEU VIVO DO SÃO BENTO: UM MUSEU DE PERCURSO A FAVOR DA DIGNIDADE SOCIAL

O Projeto "Museus do Rio" visa cartografar os museus do Estado do Rio de Janeiro. Para isto, estamos utilizando a metodologia da "etnografia dos percursos" que consiste em traçar percursos de visitação a museus localizados nas oito regiões do Estado do Rio de Janeiro. A metodologia da "etnografia dos percursos" nos sinaliza para múltiplas possibilidades de leitura de rotas e paisagens onde os museus configuram-se em sinais de tempos e espaços variados. Se um prédio é conservado, se um acervo é preservado, se um museu é edificado e se isto faz parte de uma política cultural num município, podemos ler este fato como significativo. Guardamos aquilo que faz sentido para nós e descartamos aquilo que não nos serve ou não queremos lembrar. A memória não se faz espontaneamente, ela necessita de agentes e suportes, e os museus podem ser lidos como estes elementos que sinalizam algo sobre aqueles que os constróem e os mantém. E também sobre os que os modificam ou os renegam e destroem.

Assim, temos percorrido os museus que habitam o Rio de Janeiro como seres vivos, pulsantes, expressivos, que contam histórias sobre espaços-tempos, e que vem despertando no pesquisador-flaneur do espaço urbano certo sentido de alteridade absolutamente necessário para novos sentimentos e percepções das paisagens. É preciso experimentar o recurso flaneur na pesquisa, aceitando o convite de Walter Benjamin. Percorrer cada cidade e de uma cidade a outra deixando-se levar pela satisfação de encontrar aberta uma porta de museu e simplesmente entrar. Solicitar a alguém que ali está que nos conte sua história e a história daquele museu. Abrir os

sentidos para narradores experientes no sentido que Benjamin atribui para a categoria “experiência”: alguém que tem uma história pra contar porque inicia seu relato a partir da sua vivência, da sua relação íntima com o prédio, com os objetos, com a instituição.

Os sentimentos diante destes seres museais são diversos. Também porque são polifônicas as instituições. Assim como as lembranças. Fazer a etnografia dos percursos em museus tem possibilitado que ecoem múltiplas vozes. Os museus são espaços com muitas camadas estratigráficas, que não raro são contraditórias. No caminho da cidade do Rio de Janeiro para a cidade de Araruama na Costa do Sol, um museu apresenta à primeira vista a memória de uma fazenda de café com vestígios do que outrora foi uma casa grande. Na parte de trás, há alguns fragmentos do que teria sido uma senzala. Mas, a grande surpresa é encontrar neste mesmo espaço ossadas e conchas encontradas numa escavação, deixando visível a memória dos sambaquieiros, povos antigos que viveram no Brasil antes dos tupi. A memória é assim. Não tem fim. Por debaixo de uma camada tem outra e outra e outra e mais outra. Memórias que nem sempre se encontram ou se combinam. Memórias que por vezes se contrastam, se enfrentam, se contradizem. O território das memórias não é um território apaziguado, pelo contrário, constitui um campo de disputas e tensões. Não é tudo que fica. Como assinalou Pierre Bourdieu, o campo da memória é um campo de forças. Algumas se agenciam. Algumas se contrapõem.

E seguindo nosso percurso sobre os museus do estado do rio de janeiro, encontramos também memórias que operam como contra-memórias. Museus que longe de narrar histórias glamorosas, valorizam o esforço de populações pobres em construir suas

trajetórias. Museus construídos em favelas ou em comunidades carentes. Museus com baixíssimo recurso e muita simplicidade, mas também muito eficazes no empreendimento de expressar histórias nunca antes relatadas.

Quais os significados destes espaços de memória? Quais as novidades que eles trazem?

Tenho a impressão de que estas experiências estão trazendo formas de empoderamento social e de uma nova apropriação dos sentidos do espaço, transformando **territórios lisos em paisagens rugosas, iluminando o que antes era opaco e invisível. São museus recém-criados em regiões de baixo IDH, regiões periféricas e estigmatizadas de espaços urbanos.**

Um destes museus que encontramos na pesquisa chama-se “museu vivo do São Bento”. Foi criado por um grupo de professores de história num local degradado da região metropolitana do rio de janeiro: o município de Duque de Caxias conhecido no imaginário do carioca e do fluminense como local de grupos de extermínio, milícias, aliado ao fato de abrigar o maior lixão da região – o aterro de Gramacho – e ainda uma refinaria de petróleo, tudo contribuindo para a degradação da qualidade de vida dos moradores. Os moradores destas paragens áridas da região metropolitana do Rio de Janeiro frequentemente internalizam um sentimento de baixa auto-estima associando-se a um lugar periférico e relacionando-se de forma negativa com o espaço onde vivem. Suas aspirações incluem a busca por uma porta de saída deste lugar e o acesso a outros espaços valorizados socialmente. É neste contexto que a

iniciativa de alguns indivíduos, militantes da memória e do patrimônio locais, me parece significativa. Ao procurar recuperar ainda que idealmente uma história local, onde um passado mais digno é acionado, este grupo articula-se num esforço de reexistência, alterando a rota de um destino aparentemente letal. Os sujeitos desta nova narrativa de esperança para o bairro de São Bento em Duque de Caxias são professores do ensino médio, a maior parte de História.

Estas iniciativas de patrimonialização e musealização inscrevem-se em novas construções de percepções espaciais e de ressignificações de paisagens visando a dignidade social num espaço socialmente degradado.

Outra experiência nesta direção é o museu da Maré construído no complexo de favelas da Maré no Rio de Janeiro. Assim como o Museu Vivo do São Bento partiu da experiência de jovens moradores do morro do Timbau que conseguiram chegar à Universidade e que fizeram deste acesso um caminho de volta para potencializar a própria comunidade onde nasceram e se criaram.

A etnografia dos percursos tem nos conduzido a mundos jamais imaginados, mundos que se situam na fronteira entre temporalidades muito distintas que ao se mesclarem ressignificam as experiências de vida e as percepções da paisagem. Nossos narradores ou guias de museus são intermediários em nossos objetivos de restaurar elos perdidos, vínculos que se romperam entre as muitas histórias que se superpuseram no contexto do Rio de Janeiro. Alguns, como os narradores do Museu Vivo do São Bento e do Museu da Maré são agentes do que Andreas Huyssen chama de rememoração produtiva, que podemos também

denominar de rememoração propositiva, onde escrevendo a história de um modo novo os agentes sociais possam garantir um futuro de memória. O museu vivo do São Bento e o museu da Maré associam-se claramente à expansão e ao fortalecimento de esferas públicas da sociedade civil, onde me parece crucial esta ocupação da cidade pelos seus mais diversos cidadãos. É exatamente por meio de uma proposta de novas percepções de paisagens já tão sucateadas que se torna possível acalentar um fio de esperança no porvir. E este fio de esperança ancora-se na alteridade produzida por imagens esquecidas de um passado pleno de dignidade. E isto se dá justamente porque este passado antes de se fundar na nostalgia, pelo contrario, anuncia a potência de novos agenciamentos.